



Passeio Verde

Sesc Itaquera



Sesc

PASSEIO VERDE

Viver no espaço urbano evidencia uma série de polaridades, em razão da complexa conformação que tais espaços vêm adquirindo, tendo em vista a necessidade de equalizar modos de convivência e processos de desequilíbrio na relação cidade e natureza.

Apesar de recorrentes na atualidade, tais oposições atravessam épocas e momentos históricos distintos, cada qual a sua maneira. Por outro lado, ao provocar certo desconforto, elucidam o quão decisiva tem sido a presença humana tanto na promoção como no enfrentamento dos dilemas urbanos.

Desse confronto, uma das possíveis leituras é entender a cidade em suas funções mais essenciais, dentre as quais está a garantia da convivência entre formas de vida que habitam em um mesmo espaço. Um intento, aliás, possível na medida em que se compreende o papel primordial que as áreas verdes desempenham para o equilíbrio natural frente às ações humanas e que pressupõem tomadas de decisão em torno da preservação e/ou da conservação de determinadas áreas verdes.

Nesse sentido, o Sesc, por meio da Unidade Itaquera, inserida na Área de Proteção Ambiental Parque e Fazenda do Carmo na Zona Leste de São Paulo, apresenta o Guia Passeio Verde. Trata-se de um roteiro autogerido e orientado por meio do qual o público é convidado a percorrer áreas verdes e se aproximar, de forma lúdica, da fauna e flora locais, orientando-se pelas diretrizes da Educação para a Sustentabilidade, numa ação educativa permanente.

Ao organizar e disponibilizar esse material de referência, que difunde informações acerca do patrimônio ambiental presente no Sesc Itaquera, a Instituição chama a atenção para a importância dessa área verde como um 'respiro' em meio à zona Leste, além de compreendê-la em estreita associação com as características históricas e a identidade cultural local.

Sesc São Paulo



Contexto histórico, ecológico e ambiental do Sesc Itaquera

A ocupação da região do Sesc Itaquera remonta ao século XVI, relacionada ao Aldeamento de São Miguel de Ururá. Vários bairros surgiram deste aldeamento, entre eles o Cahagoassu (Caguaçu), que significa mata grande na língua indígena. Caguaçu também era o antigo nome da avenida principal do Carmo, que hoje se chama Avenida Afonso de Sampaio e Souza.

Desde o século XIX, estava instalada nesta região a fazenda do Carmo, que pertencia à ordem católica dos Carmelitas e, em meados do século XX, a fazenda foi muito utilizada para plantio de café, principal atividade agrícola do estado naquele período. A partir de 1925 as terras foram loteadas e assim iniciou-se a ocupação por imigrantes japoneses, que posteriormente foram bem sucedidos no cultivo de pêssego.

Em 1950, a fazenda foi comprada por Oscar Americano de Caldas Filho, que loteou uma porção de suas terras onde hoje são alguns bairros da Zona Leste, como o Jardim Nossa Senhora do Carmo. Nesta época a fazenda era ocupada como pasto para a criação de gados e também cultivo de pomares com laranjeiras, figueiras e pereiras.

Após o falecimento de Oscar Americano, em 1974, a prefeitura de São Paulo comprou a fazenda dos herdeiros e criou o Parque do Carmo, inaugurado em 1976. Na região também foram instalados uma usina de compostagem e um aterro sanitário, ambos desativados atualmente. No final da década de 1980, é criada a Área de Proteção Ambiental (APA) "Parque e Fazenda do Carmo", gerida pelo governo estadual.

Dentro dos limites da APA, são quase nove milhões de m² que incluem: Parque do Carmo – Olavo Egydio Setúbal, Parque Natural Municipal Fazenda do Carmo, Sesc Itaquera, usina de compostagem de São Mateus, algumas áreas na Gleba do Pêssego, loteamento criado em 1980 pela Companhia Metropolitana de Habitação (COHAB) e o terreno do antigo aterro sanitário.

O Sesc Itaquera, inaugurado no dia 29 de outubro de 1992, é hoje uma das maiores unidades do Sesc SP. Isso torna o espaço um refúgio para muitas espécies da flora e da fauna da cidade de São Paulo. O local ainda dispõe de um remanescente de Mata Atlântica, o que permite observar as aves associadas a esse bioma, como o tucano-de-bico-verde e a corujinha-do-mato. São encontradas também uma diversidade considerável e relevante em termos ecológicos de espécies de árvores nativas e exóticas. Dentre os mamíferos, há ocorrência de preguica-de-três-dedos, tatu-galinha, esquilo e ouriço-cacheiro.

Na região é bastante forte a presença da comunidade nipônica, que tem como um dos principais referenciais o Bosque das Cerejeiras no Parque do Carmo, onde é celebrada anualmente a Festa das Cerejeiras. Embora não seja nativa, o plantio dessa espécie começou em 1978, em comemoração ao 70º aniversário da imigração japonesa. Até hoje pessoas de toda parte vivenciam o Hanami, encontro para apreciar a floração destas lindas árvores. O bosque conta com cerca de 3 mil árvores, sendo a segunda maior área fora do Japão com cerejeiras, árvore-símbolo do país oriental.

Como vivenciar o Passeio Verde?

Este guia tem por intenção promover uma percepção maior e mais rica sobre a natureza que encontramos diariamente, principalmente em relação às árvores e aves. Amplie seu olhar nos caminhos do dia-a-dia dando oportunidade para sentir-se mais próximo da natureza urbana, reconhecendo e valorizando a diversidade natural da nossa cidade. Você pode vivenciar o Passeio Verde em ruas, praças e parques, começando a conhecer um pouco mais das espécies. O que é único em cada uma delas? Quais são suas cores, tamanhos, texturas, sons e formatos? Como as árvores e aves encontram-se e relacionam-se em cada espaço da nossa cidade? Inspire-se nas riquezas naturais que captam nossos olhares, aprendendo uma nova maneira de encontrar o bem-estar chegando mais perto da natureza nos centros urbanos.

As árvores mudam bastante, ganham novas folhas, flores e frutos conforme a estação. Você pode acompanhar o crescimento das espécies mais jovens sempre que voltar onde elas estiverem plantadas. As aves podem ser observadas sempre por perto das árvores, alimentando-se, descansando, fazendo ninhos ou cantando.

O Brasil é um país com uma biodiversidade grandiosa, o que faz o aprendizado ficar ainda mais interessante. As aves voando livres tem papel muito importante para que essa riqueza natural seja mantida. Por isso, para preservarmos um dos nossos maiores patrimônios culturais, que é a biodiversidade ambiental, podemos praticar o cuidado e o respeito, multiplicando a valorização da natureza.

Quando conhecer as espécies deste guia, você poderá admirá-las em diversas outras ocasiões e locais do Sesc Itaquera e da cidade. Aproveite este guia e faça caminhadas para conhecer as árvores e aves com sua família e amigos.

Juliana Gatti - Fundadora e Presidente do Instituto Árvores Vivas



Dicas importantes:

- utilize roupas confortáveis e de cores neutras, pois cores chamativas podem afastar as aves;
- respeite as árvores e as aves: evite ao máximo arrancar folhas, flores e casca ou riscar o tronco das árvores. Evite se aproximar demais das aves, principalmente se estiverem com ninhos e filhotes, pois elas podem abandoná-los;
- binóculos são interessantes para observar detalhes das aves, frutos ou flores no alto das árvores;
- para observar e sentir a natureza é sempre melhor ser silencioso e fazer movimentos lentos, conseguindo assim perceber muito mais detalhes.



Floresta de eucaliptos

Desde os tempos da fazenda, Oscar Americano iniciou o plantio de algumas espécies de eucaliptos e pinheiros, como *Pinnus* sp., para fazer experiências no uso destas madeiras para confecção de dormentes, mas as pesquisas mostraram que não eram propícias para este fim. Muitas destas árvores estão na região até hoje e serão substituídas por espécies nativas da Mata Atlântica segundo as diretrizes do Plano de Manejo.

1. eucalipto

Nome científico: *Eucalyptus* sp.

Família: Myrtaceae

Origem: Austrália

Porte: 20-60 m de altura

Desenvolvem-se com grande rapidez e toleram cortes sucessivos do tronco a partir do quinto ano. São ideais para produção de celulose, postes, compensados, aglomerados, carvão vegetal e óleos essenciais. Foram introduzidos no Brasil em 1910, por Navarro de Andrade, que difundiu o seu cultivo. O primeiro Código Florestal brasileiro (1934) incentivava o plantio de florestas homogêneas, em detrimento das heterogêneas, derrubadas em grande parte para o plantio de eucaliptos. Tornou-se assim, uma das árvores mais comumente cultivadas no Brasil. Juntamente com as sequóias norte-americanas estão entre as maiores árvores do mundo. Duas espécies comuns no Sesc Itaquera são *Eucalyptus tereticornis* e *Eucalyptus robusta*.



Legenda:

Nome científico: nome de identificação, usualmente em latim, que será sempre o mesmo em qualquer lugar do mundo, muito útil quando desejar precisão na pesquisa. Composto de gênero e espécie.

Família: grupo de classificação mais amplo que engloba gêneros e espécies que tem características similares ou próximas.

Origem: quando a espécie não for brasileira ela terá origem em outros países e regiões do mundo.

Ocorrência: quando a espécie for brasileira, indica os estados ou regiões no Brasil de onde elas são originárias.

Porte: tamanho que a espécie pode atingir quando adulta.

2. pau-ferro, ibira-obi, jucá

Nome científico: *Libidibia ferrea*

Família: Fabaceae-Caesalpinioideae

Ocorrência: Piauí, Alagoas, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro

Porte: 20 a 30 m de altura

Largamente empregada no paisagismo urbano em ruas e canteiros de avenidas, principalmente pela beleza única de sua casca com estética marmorizada e a bela estrutura de sua copa. Sua madeira é pesada, dura e de longa durabilidade. Os índios tupi usavam a madeira na confecção de tacapes. Suas flores são amarelas e os frutos são utilizados na medicina popular.



3. quaresmeira, flor-de-quaresma

Nome científico: *Tibouchina granulosa*

Família: Melastomataceae

Ocorrência: Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo

Porte: 8 a 12 m de altura

Possui duas variedades de flores, uma com coloração rosa e outra roxa. O formato do seu fruto é uma pequena capsula onde estão contidas numerosas sementes, que são facilmente dispersas pelo vento. Suas folhas pilosas, ásperas e com nervuras paralelas são um grande diferencial desta árvore e também de quase todas as espécies da família botânica *Melastomataceae*. Confundida muitas vezes com o manacá-da-serra (*T. mutabilis*), um aspecto os difere: o fato do manacá possuir na mesma árvore flores de diversas tonalidades, os botões que se abrem brancos com o passar do tempo ficam rosa.



4. resedá-gigante, banabá

Nome Científico: *Lagerstroemia speciosa*

Família: Lythraceae

Origem: China e Índia

Porte: 6 a 10 m de altura

Possui florescimento exuberante e duradouro na primavera e verão. Suas flores são grandes, de cor rosa a lilás. As folhas caem quando é inverno, adquirindo tonalidade alaranjada antes de cair, o que também promove belo visual. Além disso, algumas partes da planta são utilizadas nas Filipinas, Taiwan e Japão como chá.



5. manacá-da-serra, jacatirão, flor-de-maio, natalheiro

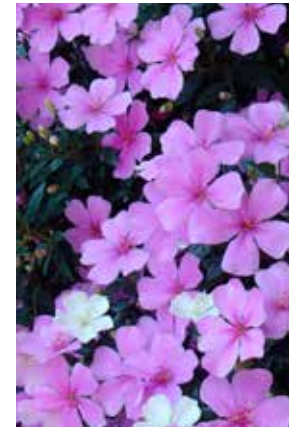
Nome científico: *Tibouchina mutabilis*

Família: Melastomataceae

Ocorrência: Rio de Janeiro até Santa Catarina

Porte: 7 a 12 m de altura

Comumente encontrada na encosta úmida da Serra do Mar, a espécie possui flores de diversas tonalidades na mesma árvore, sendo que seus brotos abrem primeiramente brancos, tornam-se flores rosadas e em seguida assumem tons lilases. Árvore bastante confundida com a quaresmeira, pois pertencem ao mesmo gênero botânico. Suas folhas com nervuras paralelas, não possuem pilosidade. Também conhecida como natalheiro, pois está sempre florida na ocasião do Natal.



6. aroeira-pimenteira, aroeira-mansa, cambuí, fruto-de-sabiá, pimenta-rosa

Nome Científico: *Schinus terebinthifolius*

Família: Anacardiaceae

Origem: América do Sul, Argentina, Brasil, Paraguai

Porte: 5 a 9 m de altura

As flores são pequenas, branco-esverdeadas e atraem muitas abelhas. Os frutos esféricos de cor rosa-avermelhado, servem como condimento e alimentam as aves silvestres. O florescimento ocorre na primavera e no outono. Muito interessante para arborização urbana, por ter porte médio e ser bastante resistente. Pode ser utilizada como arvoreta e cerca-viva. Seu fruto, é muito popular na França, onde é utilizado na ornamentação e como tempero. Seu sabor é levemente picante e adocicado. Também tem uso como madeira para lenha e óleos essenciais, utilizado em fitoterapia.



7. jasmim-manga, frangipani

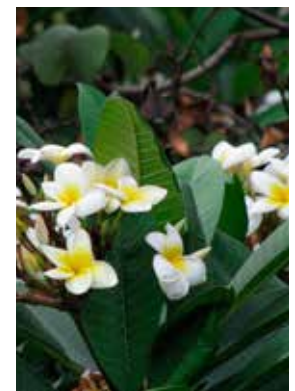
Nome científico: *Plumeria alba*

Família: Apocynaceae

Origem: México, Antilhas, Guianas, Equador

Porte: 4 a 6 m de altura

Seu tronco dá um destaque ímpar à espécie. Os galhos possuem látex que, por conter um alcalóide tóxico, causa irritação às mucosas e, se ingerido, pode causar diarreia e náuseas. Suas folhas largas caem no outono e inverno dando espaço a inflorescências perfumadas que, conforme a espécie, variam do tom rosa claro ao rosa escuro. Suas flores são utilizadas na confecção de colares nas Ilhas do Pacífico. A espécie não é tolerante a climas frios.



8. palmeira-juçara, palmito-jussara, palmito-doce

Nome científico: *Euterpe edulis*

Família: Arecaceae

Ocorrência: Sul da Bahia, Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, Goiás e Mato Grosso do Sul

Porte: 5 a 12 m de altura

Esta espécie de palmeira encontra-se seriamente ameaçada em seu habitat natural devido à grande exploração para retirada do palmito. Embora muitas palmeiras possam ser utilizadas para produção do palmito comestível, apenas duas espécies dominam o mercado: *E. edulis* e *E. oleracea* (quase 90% da produção brasileira). Os frutos podem ser consumidos *in natura* ou em sucos (alto teor calórico). Suas folhas e hastes da inflorescência são utilizadas para artesanato. Muito utilizada no reflorestamento de áreas degradadas.



9. cheflera, árvore-guarda-chuva, árvore-polvo, cheflera-da-folha-grande

Nome Científico: *Schefflera actinophylla*

Família: Araliaceae

Origem: Indonésia, Oceania

Porte: 6 a 12 m de altura

Apresenta tronco ereto e pouco ramificado. Suas raízes vigorosas afloram na superfície do solo nas árvores mais velhas. As folhas são grandes, de cor verde escura e grossas como couro. As inflorescências surgem no final da primavera e início do verão, são vistosas, vermelhas, despontando acima da folhagem. Tanto as flores como os frutos são muito atrativos para as aves silvestres, que se alimentam com o néctar abundante. As sementes são dispersas pelas aves e podem germinar nos galhos, tornando-se epífitas. Bastante versátil, pode ser plantada no jardim, ou cultivada em vasos, quando jovem, servindo como uma bela folhagem para adornar interiores.



10. ipê-branco, pau-d'arco, ipê-do-cerrado

Nome científico: *Tabebuia roseoalba*

Família: Bignoniaceae

Ocorrência: São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Goiás

Porte: 7 a 16 m de altura

O ipê branco, assim como as outras espécies de ipê brasileira, costuma perder todas as folhas para, logo após, surgir uma floração exuberante e intensa. Suas flores brancas, agrupadas, chamam a atenção e, até mesmo quando caem, formam um belo tapete nas ruas e jardins. Sua folhagem também é muito ornamental. Os frutos são vagens "aveludadas" que, quando maduros, abrem-se e dispersam sementes aladas, facilitando sua dispersão pelo vento. Em tupi-guarani *Tabebuia* significa "pau" ou "madeira que flutua" e "árvore de casca grossa".



11. seringueira-de-jardim, falsa-seringueira

Nome científico: *Ficus elastica*

Família: Moraceae

Origem: Ásia Tropical

Porte: 20 a 30 m de altura

Árvore que se destaca na paisagem por seu porte grandioso e suas numerosas raízes aéreas, que tornam a árvore belíssima. Adequada para plantio em praças e parques. Foi muito plantada em São Paulo na década de 50 e 60, principalmente por moradores que a cultivavam em vasos dentro de suas residências. Seu nome popular, falsa-seringueira, é originado pela grande quantidade de látex que a árvore produz e que pode ser utilizado para confecção de borracha. Suas folhas são grossas e brilhantes como couro.



12. escova-de-garrafa, calistemo, lava-garrafas

Nome Científico: *Callistemon viminalis*

Família: Myrtaceae

Origem: Austrália

Porte: 3 a 9 m de altura

Este gênero possui 34 espécies catalogadas, sendo que a maioria delas é originária da Austrália. As inflorescências são cilíndricas e com numerosos estames. Muito atrativas para os beija-flores, as flores surgem durante todo o ano e em maior quantidade na primavera. No verão, elas dão lugar aos frutos, pequenos, lenhosos e bem aderidos aos ramos. Há muitas variedades e híbridos com flores de coloração vermelha e algumas róseas e brancas, mas dificilmente encontradas no Brasil.



13. mirindiba-rosa, mirinduva, louro-de-são-paulo

Nome científico: *Lafoesia glyptocarpa*

Família: Lythraceae

Ocorrência: Bahia até São Paulo

Porte: 15 a 25 m de altura

Sua madeira era aproveitada pelos índios guaranis na confecção de flechas. As flores, polinizadas por morcegos, produzem grande quantidade de néctar. Também são árvores da mesma família a romãzeira e o resedá. Recomendada para uso na arborização urbana de grandes ruas, avenidas e praças devido ao seu porte, rusticidade e resistência à poluição urbana. Ótima para plantio em áreas degradadas por atrair muita vida silvestre.



14. ipê-amarelo

Nome científico: *Handroanthus* sp.

Família: Bignoneaceae

Ocorrência: Brasil

Porte: varia de acordo com a espécie – de 4 a 30 m de altura

Em tupi-guarani ipê significa “árvore de casca grossa”. No inverno perde suas folhas e logo após, na primavera, nos presenteia com uma floração amarela intensa e bellissima. As espécies mais comuns em São Paulo são *Handroanthus chrysotrichus* e *Handroanthus albus*. Essa exuberante floração garantiu à árvore o título de símbolo do Brasil, dado em 1961, pelo presidente Jânio Quadros. Suas flores tem formato de “trombeta” e ficam agrupadas nas extremidades dos galhos como pequenos buquês. Elas podem ser consumidas como salada e atraem a avifauna, principalmente os beija-flores e periquitos.



15. Cedro-rosa, cedro-verdadeiro, acaiaçá

Nome científico: *Cedrela fissilis*

Família: Meliaceae

Ocorrência: Rio Grande do Sul até Minas Gerais, presente na Mata Atlântica

Porte: 20 a 35 m de altura

De grande beleza, o cedro tem folhas compostas alongadas que organizam-se nas extremidades dos galhos. Sua madeira é muito conhecida e utilizada principalmente para fabricação de móveis, entalhes e esculturas. A casca do cedro é utilizada em medicina popular e de sua madeira é extraído óleo essencial com perfume semelhante ao cedro-do-libano. Suas flores brancas, possuem tonalidade verde e ápice rosado. Seus frutos são deiscentes, ou seja - abrem sozinhos quando amadurecem para dispersar suas sementes. Quando abertos lembram pequenas estrelas ou flores de madeira que podem ser utilizados para fins decorativos. As sementes são aladas, de coloração bege a castanho-avermelhada. Costuma florescer entre primavera-verão e frutificar no inverno.



16. Jatobá, jataí

Nome científico: *Hymenaea courbaril*

Família: Fabaceae–Caesalpinioideae

Ocorrência: Piauí até o norte do Paraná

Porte: 15 a 20 m de altura

O jatobá é usado como planta medicinal por povos indígenas do Brasil, Guianas e Peru contra diarreia, tosse, bronquite, problemas de estômago e fungos nos pés. O nome popular jatobá vem da língua tupi, “va-atã-yba”, que significa árvore de fruto duro. Floresce de outubro a dezembro e seus frutos amadurecem a partir de julho. Possui frutos que são comestíveis e muito nutritivos, sendo apreciados tanto pelo ser humano, quanto por animais silvestres, como pacas, cotias e macacos. Os frutos podem ser consumidos *in natura* ou em forma de geleias, bolos e farinha para pães. As flores do jatobá são melíferas e produzem néctar e mel de alta qualidade. A árvore está ameaçada de extinção devido à alta exploração da madeira que é muito usada na construção civil por ser dura e de grande resistência ao ataque de insetos.



17. palmeira-rabo-de-peixe, cariota-de-touceira

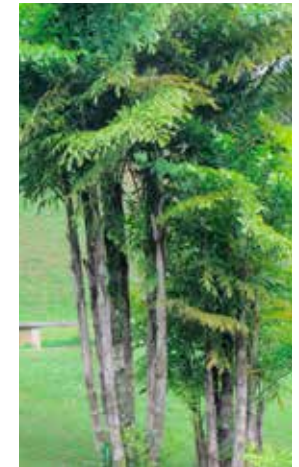
Nome científico: *Caryota mitis*

Família: Areaceae

Origem: Índia, Malásia, Sudeste Asiático

Porte: 10 a 15 m de altura

Suas folhas têm formato recortado, bastante similar às nadadeiras e rabo de peixes. Costuma florescer o ano todo e os frutos amadurecem em grandes cachos, ficando avermelhados quando jovens e pretos quando maduros. Seus frutos contêm cristais de oxalato de cálcio, que tem efeito urticante, portanto, não devem ser manuseados sem proteção. Esta espécie cresce formando touceiras, promovendo uma sucessão natural dos estipes. Após a maturação de todos seus frutos, o estipe florido morre, dando espaço para o desenvolvimento de novos.



18. embiruçu, paina-amarela, cedro-d'água

Nome científico: *Pseudobombax grandiflorum*

Família: Malvaceae

Ocorrência: Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul

Porte: 15 a 25 m de altura

Suas folhas são vermelhas quando jovens e possuem até 11 folíolos dispostos a partir de um mesmo eixo. As flores são muito bonitas e de cor branca. O fruto possui sementes envolvidas por fibras - paina. A madeira é muito leve e utilizada para caixotaria e compensados. Pode ser aproveitada também para a produção de papel. O nome provém do Tupi e quer dizer “embira-grande”, sendo que embira é o nome dado às tiras rústicas de fibras que podem ser arrancadas de certas árvores e que são muito utilizadas na fabricação de cestos e cordas improvisadas. As folhas e flores são muito apreciadas por macacos-prego. Floresce de junho a setembro com a árvore totalmente sem folhas. A polinização é feita principalmente por morcegos e eventualmente por algumas espécies de mariposa.



19. ingá, ingá-do-brejo

Nome científico: *Inga vera*

Família: Fabaceae-Mimosoideae

Ocorrência: São Paulo até Rio Grande do Sul

Porte: 5 a 10 m de altura

Também conhecido como ingá-banana. Os frutos são vagens com sementes envolvidas por polpa carnosa e apreciados pela fauna. A madeira é utilizada para caixotaria, confecção de brinquedos e lápis. Suas flores são melíferas, abrindo os botões entre agosto e novembro. Ótima opção de árvore para beira de rios e lagos.



20. jacarandá, caroba-branca, pau-de-colher, pau-santo

Nome científico: *Jacaranda cuspidifolia*

Família: Bignoniaceae

Ocorrência: Minas Gerais, São Paulo até o norte do Paraná

Porte: 5 a 10 m de altura

Ótima árvore para arborização de avenidas e parques. Floresce nos meses de setembro e outubro, apresentando flores de tonalidade roxa e lilás. Seus frutos, do tipo cápsula, são muito utilizados como brincos e pingentes na criação de biojóias, e tem sementes aladas que são facilmente dispersas pelo vento.



21. eritrina-candelabro, mulungu, suinã, sinanduva, corticeira

Nome científico: *Erythrina speciosa*

Família: Fabaceae-Faboideae

Ocorrência: Espírito Santo, Minas Gerais até Santa Catarina

Porte: 3 a 5 m de altura

No inverno, quando estão floridas, perdem todas as folhas e chamam a atenção devido ao intenso vermelho de suas flores. Atrai a avifauna, em especial os beija-flores, que encaixam seus bicos perfeitamente na estrutura da flor. O nome popular mulungu é originário do tupi, mussungú. Suas folhas são utilizadas pelos índios para entorpecer peixes.



22. amoreira, amoreira-do-bicho-da-seda, amoreira-preta

Nome científico: *Morus nigra*

Família: Moraceae

Origem: China e Japão

Porte: 7 a 12 m de altura

A amoreira é muito cultivada na região Sul e Sudeste do Brasil, principalmente para a utilização de suas folhas para criação do bicho-da-seda. Árvore rústica e forte, cresce nos lugares menos esperados. Suas infrutescências – conjunto de frutos muito próximos entre si – ricas em vitamina C, podem ser consumidas *in natura*, em geleias, doces e licores. É uma árvore que apresenta planta masculina e feminina separadamente. A árvore perde quase todas as suas folhas no inverno e é ornamental pela mudança da cor de sua folhagem.



23. goiabeira, araçá-goiaba

Nome científico: *Psidium guajava*

Família: Myrtaceae

Ocorrência: Mata Atlântica do Sudeste, México, Colômbia e Peru.

Porte: 4 a 8 m de altura

Seus frutos são ricos em antioxidantes, vitaminas A, B1, B2, B6 e C. A goiaba branca tem mais vitamina C que o limão, por isso, durante a Segunda Guerra Mundial, foi suplemento de alimentação nas regiões frias, pois aumentava a resistência contra doenças do aparelho respiratório. Os incas utilizavam a madeira da goiabeira para diversos ornamentos e os primeiros indícios de cultivo estão no México. Suas pétalas são comestíveis e mantêm o perfume quando colhidas logo no amanhecer. O nome goiaba é derivado de *coyab* que em tupi significa “sementes aglomeradas”.



24. laranjeira, laranja, laranja-doce

Nome científico: *Citrus sinensis*

Família: Rutaceae

Origem: Ásia

Porte: 3 a 8 m de altura

Uma árvore importante no setor alimentício, melífero e medicinal. A laranja é muito utilizada em sucos e também na forma de licores, bolos e tortas. De suas flores brancas extraem-se óleos essenciais utilizados na indústria cosmética. O Brasil é o maior produtor de laranja e exportador de suco concentrado do mundo. Juntamente com os Estados Unidos somam 90% da produção mundial. São Paulo é o estado que mais produz laranja no Brasil.



25. carambola, caramboleira

Nome científico: *Averrhoa carambola*

Família: Oxalidaceae

Origem: Ásia (Indonésia e Malásia)

Porte: 5 a 10 m de altura

A carambola tem sabor adocicado a ácido e pode ser consumida *in natura* e em receitas doces. A fruta é rica em sais minerais, vitamina A e C, podendo ser utilizada para tratamento de diarreias e verminoses. Quando cortada transversalmente, a fruta lembra uma estrela. Suas flores diminutas são róseas e dão destaque à caramboleira por serem ornamentais. Na língua espanhola é comumente chamada de “carambolo”, já na inglesa de “star fruit”. Na Ásia, suas flores são usadas em saladas. Floresce no verão e amadurece os frutos no outono até o início do inverno.



26. jaboticabeira, jaboticabeira-paulista

Nome científico: *Myrciaria cauliflora*

Família: Myrtaceae

Ocorrência: Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, São Paulo até o Rio Grande do Sul

Porte: 10 a 15 m de altura

É uma espécie sensível a períodos de seca. Apresenta cauliflora: as delicadas flores brancas, formadas na primavera, brotam recobrimdo todo caule, promovendo um leve gosto amadeirado aos frutos. A jaboticaba é rica em vitaminas do complexo B, principalmente B2 e em vitamina C, ferro, fósforo e cálcio. Os brotos novos de suas folhas são vermelhos e, com o tempo, tornam-se verdes.



27. pitangueira-vermelha, pitanga, pitanga-do-mato

Nome científico: *Eugenia uniflora*

Família: Myrtaceae

Ocorrência: Minas Gerais até o Rio Grande do Sul

Porte: 5 a 12 m de altura

Se estiver sem frutos, podemos reconhecê-la pelo aroma de pitanga ao amassar suas folhas brilhantes e ao notar o descamar de seu tronco. Seus frutos, de sabor azedinho-doce, atraem a fauna e também são muito apreciados em sucos, doces, geleias e até para a produção de cosméticos diversos. Suas pequenas e delicadas flores brancas encantam aqueles que percebem com o olhar mais atento. O nome popular tem origem tupi-guarani e significa vermelho-rubro, fazendo referência a cor dos frutos.



28. nespereira, ameixa-do-pará

Nome científico: *Eriobotrya japonica*

Família: Rosaceae

Origem: Sudeste da China

Porte: 3 a 8 m de altura

Suas flores de tom branco-amarelado, com cinco pétalas, florescem no outono e início do inverno. As frutas possuem casca aveludada e macia de cor amarelo-alaranjada. A polpa é suculenta e doce ou levemente ácida. Pode ser consumida *in natura* e combina bem com outras frutas frescas ou em saladas de frutas. Um tipo de nêspera em calda é usado na medicina tradicional chinesa como expectorante para acalmar a garganta. As árvores de nêspera são fáceis de crescer e, por isso, também são cultivadas como árvores ornamentais. O Japão é o maior produtor de nêspersas, seguido de Israel e Brasil. No Estado de São Paulo, iniciou-se o cultivo econômico na década de 40.



29. urucum, colorau, orucú, uru-uva, urucú-da-mata, urucuzeiro

Nome científico: *Bixa orellana*

Família: Bixaceae

Origem: América Central e América do Sul

Porte: 2 a 8 m de altura

Seus frutos são cápsulas com espinhos maleáveis que se tornam vermelhos quando ficam maduros. Quando abrem, suas pequenas sementes estão envoltas em arilo vermelho. "Urucu" e "urucum" originam-se do tupi *uru'ku*, que significa vermelho. Utilizado tradicionalmente por povos indígenas como fonte de matéria prima para os mais diversos fins, entre eles, repelente para insetos e tinturas. Seu pigmento em pó é conhecido como colorau e usado na culinária para realçar a cor dos alimentos. Uma ótima opção de arvoreta, pois suas flores rosas são muito belas e os frutos atrativos para a fauna.



30. grumixama, grumixaba, ibaporoiti

Nome científico: *Eugenia brasiliensis*

Família: Myrtaceae

Ocorrência: Sul da Bahia até Santa Catarina

Porte: 10 a 15 m de altura

Suas flores brancas são formadas em setembro. Os frutos comestíveis e aromáticos são apreciados pela avifauna e por grande variedade de insetos, sendo também excelente opção para tortas, geleias, vinhos e licores. Apresenta casca e folhas aromáticas. Seu tronco é bastante rugoso e descamante. Demora muitos anos para adquirir um porte elevado, sendo recomendada para arborização urbana de ruas por atrair aves. Chegou a ficar classificada como uma espécie em risco de extinção.



31. cabeludinha, cabeluda

Nome científico: *Myrciaria glazioviana*

Família: Myrtaceae

Ocorrência: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais

Porte: 2 a 4 m de altura

A família Myrtaceae, a que pertence a cabeludinha, é considerada uma das mais importantes da Mata Atlântica. Há muitas décadas é cultivada em pomares ao longo de todo o Sudeste brasileiro. Exemplos podem ser encontrados no Parque Estadual das Fontes do Ipiranga e no Instituto Butantã em São Paulo. Tem uma copa elegante e com folhagem verde-escura pilosa. Floresce durante o inverno com flores brancas e pequenas, grudadas nos galhos. Seus frutos, com polpa suculenta, possuem sabor levemente ácido e adocicado. São apreciados *in natura*, em sucos e geleias, sendo ricos em vitamina C e ficam maduros na primavera.



32. mangueira

Nome científico: *Mangifera indica*

Família: Anacardiaceae

Origem: Sul e Sudeste asiático

Porte: 35 a 40 m de altura

A palavra manga tem origem da língua malayalam do estado de Kerala, Índia. A coloração da manga varia de acordo com a luminosidade, sendo mais rósea no lado que sofre insolação direta e mais amarelada ou esverdeada no lado que recebe insolação indireta. O Brasil recebeu as primeiras mudas no século XVIII e hoje está entre os oito maiores produtores mundiais. A cidade de Belém do Pará é um bom exemplo dessa abundância, tornado-se famosa por suas mangueiras. No Rio de Janeiro, as mangueiras também eram tantas que acabaram dando o nome a um bairro, a uma parada de trem e a uma escola de samba: a “verde e rosa” Estação Primeira de Mangueira.



33. tamboril, timbaúva, orelha-de-macaco, pau-de-sabão

Nome científico: *Enterolobium contortisiliquum*

Família: Fabaceae–Mimosoideae

Ocorrência: Pará, Maranhão e Piauí até o Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul

Porte: 20 a 35 m de altura

O tamboril é uma árvore elegante, com uma copa muito ampla fornecendo sombra na primavera e no verão, perdendo as folhas no inverno. Sua madeira é muito utilizada na fabricação de móveis e brinquedos, pois é de fácil manejo e acabamento. Possui floração branca que desponta na primavera e seus frutos com formato similar a orelhas, permanecem na árvore por muito tempo, amadurecendo até o inverno do ano seguinte. O nome popular timbaúba vem de *timbó-yba*, a árvore de espuma devido a quantidade de saponina, substância que produz uma espuma utilizada na fabricação de sabão caseiro.



34. leucena

Nome científico: *Leucaena leucocephala*

Família: Fabaceae–Mimosoideae

Origem: América Central

Porte: 4 a 7 m de altura

Presente em diversas partes do mundo devido a sua versatilidade de utilização, podendo ser empregada para forragem, produção de madeira, carvão vegetal e melhoramento do solo. Nas regiões tropicais, em solos férteis bem drenados esta leguminosa pode produzir, de forma barata, elevadas quantidades de proteína para serem empregadas na alimentação animal. A espécie *Leucaena leucocephala* foi classificada como invasora na cidade de São Paulo.



35. palmeira-jerivá, coco-de-cachorro, baba-de-boi

Nome científico: *Syagrus romanzoffiana*

Família: Arecaceae

Ocorrência: Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul até o Rio Grande do Sul

Porte: 10 a 15 m de altura

É uma das palmeiras brasileiras mais empregadas na arborização de ruas e avenidas em todo o país, sendo utilizada também para o plantio em áreas degradadas de preservação ambiental. Os frutos globosos, amarelados e com polpa fibrosa são apreciados pelo homem e por animais selvagens que, ao ingeri-los auxiliam na dispersão da espécie. Suas sementes são apreciadas por esquilos. Eram muito comuns às margens do Rio Pinheiros, chamado à época pelos indígenas de Jurubatuba – lugar de muitos jerivás.



36. pau-brasil, ibira pitanga, sapão, pau-de-pernambuco, pau-de-tinta, pau-vermelho

Nome científico: *Caesalpinia echinata*

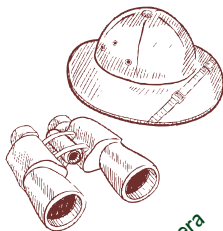
Família: Anacardiaceae

Ocorrência: Ceará ao Rio de Janeiro, com predominância no sul da Bahia

Porte: 8 a 12 m de altura

Esta árvore passou por exploração intensa chegando a vias de extinção. De sua casca e madeira era extraído corante vermelho, a brasileína, que era utilizada para tingir tecidos e fabricar tinta de escrever. Gerou muita riqueza aos colonizadores, marcando um importante período histórico-econômico e por isso a adoção do nome Brasil ao país. A madeira também já foi utilizada para a construção civil e naval. Os frutos, assim como os galhos novos, possuem pequenos espinhos, o que justifica seu segundo nome científico *echinata*. O nome ibirapitanga vem da língua tupi e significa madeira vermelha.





DIÁRIO DO OBSERVADOR

Agora que você conhece nossas espécies de árvores, utilize o espaço abaixo para assinalar suas observações.

observei no Sesc Itaquera
observei na cidade
observei fora da cidade

- | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|----------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 1. eucalipto |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 2. pau-ferro |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 3. quaresmeira |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 4. resedá-gigante |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 5. manacá-da-serra |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 6. aroeira-pimenteira |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 7. jasmim-manga |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 8. palmeira-juçara |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 9. cheflera |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 10. ipê-branco |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 11. seringueira-de-jardim |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 12. escova-de-garrafa |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 13. mirindiba-rosa |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 14. ipê-amarelo |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 15. cedro-rosa |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 16. jatobá |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 17. palmeira-rabo-de-peixe |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 18. embiruçu |

observei no Sesc Itaquera
observei na cidade
observei fora da cidade

- | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 19. ingá |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 20. jacarandá |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 21. eritrina-candelabro |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 22. amoreira |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 23. goiabeira |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 24. laranjeira |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 25. caramboleira |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 26. jabuticabeira |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 27. pitangueira-vermelha |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 28. nespereira |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 29. urucum |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 30. grumixama |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 31. cabeludinha |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 32. mangueira |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 33. tamboril |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 34. leucena |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 35. palmeira-jerivá |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 36. pau-brasil |

NATUREZA À MÃO LIVRE!

Faça um desenho ou texto da árvore que mais gostou





A OBSERVAÇÃO DE AVES

01. irerê

Nome científico: *Dendrocygna viduata*

Ordem: Anseriformes

Família: Anatidae

Vive em grandes bandos à beira de lagoas e banhados. Quando voa costuma piar, “i-re-rê”, assobio que inspirou seu nome popular. Alimenta-se de folhas, sementes e pequenos invertebrados. Mede 45 centímetros de comprimento e constrói seu ninho no chão. É uma das espécies de patos mais conhecidas no Brasil e pode ser encontrada da Costa Rica até a Argentina. No Sesc Itaquera pode ser observada nas margens do Lago ou nadando nele a procura de alimento.



Dica do observador: para que possamos continuar a observar os irerês, não chegue muito perto deles, pois podem se assustar facilmente e deixar de frequentar o local.



02. biguá

Nome científico: *Phalacrocorax brasilianus*

Ordem: Pelecaniformes

Família: Phalacrocoracidae

Pode ser observado em pequenos ou grandes bandos, em vários ambientes aquáticos, como rios, represas e praias. Tem o costume de abrir suas asas para secá-las ao sol. Alimenta-se basicamente de peixes e invertebrados aquáticos que captura mergulhando. Mede cerca de 40 centímetros de comprimento e quando é jovem, tem coloração marrom. Constrói seu ninho no alto das árvores. O biguá pode ser encontrado em todo o Brasil e em muitos países americanos. No Sesc Itaquera ele pode ser observado pescando no Lago ou secando suas asas nos chafarizes.



Dica do observador: é muito interessante ver os biguás mergulhando. Algumas vezes eles saem da água com peixes que não conseguem engolir.



03. garça-branca-grande

Nome científico: *Ardea alba*

Ordem: Ciconiiformes

Família: Ardeidae

Pode ser observada sozinha ou em grandes bandos, no período em que constrói seus ninhos (nidificação). Vive em vários ambientes aquáticos, como rios, lagos e manguezais. Alimenta-se de peixes, invertebrados e até mesmo de pequenos vertebrados, como os anfíbios. Mede 90 centímetros de comprimento e na época de reprodução, possui penas finas e longas no pescoço e nas costas. É uma das espécies de aves aquáticas mais comuns no Brasil. Ocorre na maior parte da América do Sul, e em algumas regiões da América do Norte. No Sesc Itaquera pode ser observada vagando pelas margens do Lago.



Dica do observador: observe como a garça fica concentrada e muitas vezes paralisada, quando está caçando.



Legenda:

Nome científico: nome de identificação, usualmente em latim, que será sempre o mesmo em qualquer lugar do mundo, muito útil quando desejar precisão na pesquisa. Composto de gênero e espécie.

Família: grupo de classificação mais amplo que engloba gêneros e espécies que tem características similares ou próximas.

Ordem: grupo de classificação que reúne famílias que são constituídas por gêneros e estes, por espécies.

Dicas do Observador: curiosidades para melhor observação de aves.

04. urubu-de-cabeça-preta

Nome científico: *Coragyps atratus*

Ordem: Cathartiformes

Família: Cathartidae

Observado em pequenos grupos, mas pode formar bandos numerosos, principalmente em lixões. Vive em uma grande variedade de ambientes, como nas florestas e cidades. Seus sentidos permitem que ele encontre com facilidade as carcaças de animais ou de outro material orgânico em decomposição. Por esse motivo, os urubus são muito úteis para a limpeza do ambiente. Medem cerca de 60 centímetros de comprimento. Seus filhotes nascem brancos e com o tempo passam ter a coloração preta dos adultos. Ocorre da América do Norte até o Chile. No Sesc Itaquera pode ser observado sobrevoando a área ou pousado em árvores altas, como os eucaliptos.



Dica do observador: observe os urubus voando a grandes alturas, pois eles se aproveitam das correntes de ar quente para estar lá.

05. caracará

Nome científico: *Caracara plancus*

Ordem: Falconiformes

Família: Falconidae

Encontrado em vários tipos de ambientes, como campos, cerrados e em áreas urbanas. Quando está voando parece um urubu, mas a diferença está nas manchas brancas que tem na ponta das asas. Mede cerca de 60 centímetros de comprimento e alimenta-se de invertebrados e vertebrados, estejam eles vivos ou mortos. Aliás, costuma ser observado em estradas se alimentando de carcaças de animais atropelados. Sua distribuição é ampla tanto no Brasil como em outros países, já que pode ser visto do Sul dos Estados Unidos até a Argentina. No Sesc Itaquera pode ser observado sobrevoando a área ou pousado em árvores altas, como os eucaliptos.



Dica do observador: para se comunicar, o caracará tem o hábito de dobrar o pescoço para trás e emitir o grito que originou seu nome, "caracará".

06. quero-quero

Nome científico: *Vanellus chilensis*

Ordem: Charadriiformes

Família: Charadriidae

Vive geralmente aos pares ou em pequenos grupos, mas pode formar bandos numerosos. É comum em qualquer ambiente aberto, como campos, pastagens e gramados, até mesmo o dos estádios de futebol, onde as vezes, constrói seu ninho. Seu grito característico, "querú-querú..", originou seu nome e é muito repetido, além dos razantes, quando invadem seu território, principalmente na época reprodutiva. Mede 40 centímetros de comprimento e alimenta-se de invertebrados que captura no chão. O quero-quero pode ser encontrado em todo o Brasil, mas também do Panamá a Argentina. No Sesc Itaquera ele pode ser observado caminhando pelos gramados, como os próximos dos estacionamentos.



Dica do observador: observe atentamente suas asas, pois elas tem um esporão (rosa) utilizado para sua defesa.

07. pombão

Nome científico: *Patagioenas picazuro*

Ordem: Columbiformes

Família: Columbidae

Vive em bandos em diversos ambientes abertos, como campos, cerrados, plantações e áreas urbanas. Se aproveita do desmatamento para aumentar seu território. Além de pombão é também conhecido por asa-branca, que inspirou Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira a compor a famosa música "Asa Branca". Alimenta-se de sementes e frutos. Mede 35 centímetros de comprimento e é considerada uma das maiores pombas brasileiras. Pode ser encontrada do Nordeste ao Rio Grande do Sul, mas também na Bolívia, Argentina e Paraguai. No Sesc Itaquera pode ser observada andando nos gramados, pousada nas árvores, ou se alimentando no comedouro do Lago.



Dica do observador: quando ela voar, observe a faixa branca na parte de cima das asas, pois essa característica batizou seu outro nome (asa-branca).

08. beija-flor-tesoura

Nome científico: *Eupetomena macroura*

Ordem: Apodiformes

Família: Trochilidae

É uma das espécies de beija-flores mais comuns dos jardins, cerrados e cidades. Pode ser facilmente identificado pela sua longa e escura cauda em formato de tesoura. Mede cerca de 19 centímetros de comprimento. Se alimenta do néctar das flores e de pequenos invertebrados. E por falar em néctar, às vezes domina os bebedouros com água açucarada e não deixa mais nenhuma ave chegar perto, como as cambacicas (*Coereba flaveola*). Aliás, se você tem um bebedouro, evite colocar muito açúcar e não deixe de limpá-lo diariamente. O beija-flor-tesourão pode ser encontrado em praticamente todo o Brasil. No Sesc Itaquera ele pode ser visto visitando as flores dos jardins ou de árvores como a eritrina-candelabro, presentes na entrada do Parque Lúdico Espaço de Aventuras.



Dica do observador: observe a cauda aberta do beija-flor-tesourão, quando ele estiver voando.

09. pica-pau-branco

Nome científico: *Melanerpes candidus*

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

Vive em pequenos bandos em ambientes abertos, como cerrados e campos. Sua coloração branca faz com que ele seja facilmente observado, além é claro, do grito que costuma fazer ao voar. Mede 30 centímetros de comprimento e constrói seu ninho perfurando os troncos de árvores secas. Se alimenta de invertebrados e frutos. Pode ser encontrado em muitas regiões do Brasil, principalmente no Sudeste. Também é observado em outros países como a Bolívia, Uruguai e Argentina. No Sesc Itaquera ele pode ser visto nas árvores do gramado próximas do Lago, ou nos eucaliptos encontrados ao redor do Pomar.



Dica do observador: preste bastante atenção nos olhos do pica-pau-branco, pois eles tem um lindo contorno amarelo.

10. pica-pau-do-campo

Nome científico: *Colaptes campestris*

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

Assim como o pica-pau-branco, também vive em pequenos bandos em ambientes abertos, como campos e cerrados. Seus altos gritos, fazem com que seja facilmente notado. Mede 30 centímetros de comprimento e constrói seu ninho perfurando troncos, cupinzeiros ou barrancos. Se alimenta de invertebrados que captura nos galhos secos e por isso tem um importante papel ecológico, pois se alimenta de muitas pragas que atacam a madeira. Ocorre em praticamente todo o Brasil, mas também pode ser encontrado em outros países, como a Bolívia, Uruguai e Argentina. No Sesc Itaquera pode ser observado capturando suas presas nos gramados próximos do Lago.



Dica do observador: se você conseguir ver uma faixa vermelha escura atrás de seu bico, parabéns, pois acaba de identificar um macho!

11. pica-pau-de-banda-branca

Nome científico: *Dryocopus lineatus*

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

Vive solitário ou em casal em ambientes abertos e de floresta. Mede 35 centímetros de comprimento e é uma das maiores espécies de pica-paus conhecidas. Se alimenta de invertebrados que captura perfurando a madeira, prática essa também utilizada para construir seu ninho, que aliás, para impedir o acesso de predadores, tem a entrada do tamanho exato de seu corpo. Pode ser encontrado em praticamente todo o Brasil, mas também ocorre do México à Argentina. No Sesc Itaquera pode ser observado visitando algumas árvores do gramado ou nos eucaliptos, como os encontrados ao redor do Pomar.



Dica do observador: tente identificar quem é o macho, pois só ele possui toda a crista vermelha, já que na fêmea o início dela (testa) é preto.

12. joão-de-barro

Nome científico: *Furnarius rufus*

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Vive solitário ou aos pares em ambientes abertos, como campos e áreas agrícolas. A principal característica do joão-de-barro é seu ninho, que é construído de barro pelo casal e tem o formato de forno. Podem tanto construir um novo ninho no ano seguinte, como utilizá-lo mais de uma vez. Mede 20 centímetros de comprimento e sua alimentação é feita por invertebrados que captura geralmente no chão. Encontrado em grande parte do Brasil, principalmente no Sudeste e também em outros países como o Paraguai, Uruguai e Argentina. No Sesc Itaquera pode ser observado andando pelo gramado ao redor do Lago ou pousado nos postes de iluminação, local onde existem alguns ninhos.



Dica do observador: observe quando cantam, pois costumam cantar em dueto.

13. bem-te-vi

Nome científico: *Pitangus sulphuratus*

Ordem: Passeriformes

Família: Tyrannidae

Geralmente está sozinho, mas também pode estar em pequenos bandos em variados ambientes, como jardins, campos, matas e cidades. É uma das aves mais comuns do Brasil, principalmente por seu canto, "bem-te-vi", que originou seu nome popular. Mede 23 centímetros de comprimento e alimenta-se de uma grande variedade de pequenos animais e frutos. Ocorre em todo o Brasil e pode ser encontrado dos Estados Unidos (Texas) até a Argentina. No Sesc Itaquera pode ser observado nas antenas, postes, árvores do gramado, no Pomar e até mesmo pescando no Lago.



Dica do observador: fique de olho no bem-te-vi, pois dependendo da situação, ele pode levantar seu lindo topete amarelo escondido entre as penas pretas da cabeça.



14. bentevizinho-de-penacho-vermelho

Nome científico: *Myiozetetes similis*

Ordem: Passeriformes

Família: Tyrannidae

Vive em casal ou em pequenos bandos em ambientes abertos e em bordas de matas. Se parece muito com o bem-te-vi, mas é menor. Mede 17 centímetros de comprimento e na época da reprodução constrói um ninho de capim e que as vezes, para proteção, fica próximo da água ou de colmeias e formigueiros. Alimenta-se de frutos e de pequenos invertebrados capturados no voo. Ocorre em grande parte do Brasil e em alguns países vizinhos da América do Sul e Central. No Sesc Itaquera pode ser observado em muitos locais, como nas árvores do estacionamento e no Lago.



Dica do observador: fique atento ao bentevizinho, pois dependendo da situação, ele pode levantar seu pequeno topete vermelho, escondido entre as penas.



15. curruíra

Nome científico: *Troglodytes musculus*

Ordem: Passeriformes

Família: Troglodytidae

Vive sozinho ou em casal em muitos ambientes, como cerrados, bordas de matas, jardins e cidades. É um dos pássaros mais conhecidos do Brasil, talvez por ser facilmente observado procurando alimento ou utilizando vários tipos de cavidades como ninho: entre pedras, ninhos antigos de joão-de-barro e até mesmo em caixas de correio. Mede cerca de 12 centímetros de comprimento e alimenta-se de pequenos invertebrados que captura no chão ou nos arbustos. É encontrado em todo o Brasil e também ocorre do Canadá até o sul da Argentina. No Sesc Itaquera pode ser observado em muitos locais, como nos jardins da Sede Social ou entre os arbustos próximos do Lago.



Dica do observador: escute-o cantar principalmente de manhã, pois seu canto é alegre e melodioso.



16. sabiá-laranjeira

Nome científico: *Turdus rufiventris*

Ordem: Passeriformes

Família: Turdidae

Vive solitário ou aos pares em ambientes de mata ou abertos, como em parques e jardins. É uma das espécies de aves mais comuns nas cidades. Durante a época de reprodução é muito comum escutar seu canto antes do amanhecer e no final da tarde. Mede 25 centímetros de comprimento e desce com muita frequência no solo para procurar invertebrados, como minhocas, mas também se alimenta de frutos. No Brasil pode ser encontrado principalmente no Sul e Sudeste, mas também ocorre em países vizinhos, como a Bolívia, Uruguai e Argentina. No Sesc Itaquera é facilmente observado andando pelos gramados.



Dica do observador: observe os sabiás vasculhando o chão atrás de alimento, pois não será difícil vê-los pegando minhocas.

17. sabiá-do-campo

Nome científico: *Mimus saturninus*

Ordem: Passeriformes

Família: Mimidae

Pode ser observado em pequenos grupos em ambientes abertos, como campos, cerrados e áreas urbanas. É uma ave comum do Brasil e conhecida pelo variado repertório de cantos, inclusive por imitar outras espécies de aves. Mede 25 centímetros de comprimento, tem uma cauda comprida e alimenta-se de frutos e invertebrados. Pode ser encontrado em muitas regiões do Brasil, principalmente no Sudeste. Ocorre também na Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina. No Sesc Itaquera pode ser observado nos gramados, a procura de alimento, ou pousado nas cercas e postes.



Dica do observador: observe quando o sabiá-do-campo pousa, pois geralmente ele costuma fazer o "lampejo de asas", ou seja, o abrir e fechar de parte de suas asas.

18. cambacica

Nome científico: *Coereba flaveola*

Ordem: Passeriformes

Família: Coerebidae

Vive solitária ou aos pares em ambientes de matas e abertos, principalmente nos jardins. É uma ave muito comum por visitar bebedouros de beija-flores. Mede cerca de 11 centímetros de comprimento e seu padrão de cores lembram muito o do bem-te-vi. Alimenta-se de invertebrados e do néctar de muitas flores, como as da eritrina-candelabro. Constrói seu ninho em forquilhas ou pendurado na pontas dos galhos. Distribui-se por praticamente todo o Brasil e pode ser encontrada no México e na maior parte dos países da América do Sul. No Sesc Itaquera pode ser observada em muitos lugares, como nos jardins da Sede Social ou nas árvores do Pomar.



Dica do observador: observe a cambacica fazendo suas manobras durante a procura de alimento.

19. sanhaçu-cinzento

Nome científico: *Tangara sayaca*

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Vive em casal ou em bandos em ambiente abertos e arborizados, como em parques, jardins e bordas de matas. É uma ave agitada, e uma das espécies de sanhaçus mais comuns do Brasil. Bastante encontrada em comedouros com frutos e árvores frutíferas. Mede 17 centímetros de comprimento e alimenta-se de folhas, flores, frutos e invertebrados. Pode ser encontrado em grande parte do Brasil, mas também ocorre na Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. No Sesc Itaquera pode ser observado no alto das árvores, como eucalipos e nas laranjeiras, goiabeiras e amoreiras do Pomar.



Dica do observador: embora a maioria de suas penas seja cinza, o sanhaçu tem penas azuis nas asas e na cauda. Tente observá-las!



20. tico-tico

Nome científico: *Zonotrichia capensis*

Ordem: Passeriformes

Família: Emberezidae

Vive em casal em ambientes abertos, como campos, cerrados e jardins. Pode ser observado com muita frequência procurando alimento, como sementes e pequenos invertebrados. É uma das aves mais comuns do Brasil, principalmente das cidades, junto com os pardais (*Passer domesticus*), espécie introduzida no país e que muitos confundem com o tico-tico. Mede 15 centímetros de comprimento e possui um canto melodioso característico, que costuma variar com o período do dia. É encontrado em quase todo o Brasil, no México e na maior parte dos países da América do Sul. No Sesc Itaquera pode ser observado em muitos ambientes, como nos jardins e nos arbustos próximos do Lago.



Dica do observador: tente observar o hábito do tico-tico de limpar o alimento, pulando sobre ele.



21. periquito-rico

Nome científico: *Brotogeris tirica*

Ordem: Psittaciformes

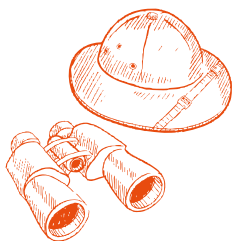
Família: Psittacidae

Forma pequenos bandos, vive em casal que constrói seu ninho em buracos de árvores e até mesmo telhados. Alimenta-se de flores, como as dos ipês e de frutos e sementes, como os dos coqueiros e das paineiras. É uma espécie típica da Mata Atlântica, que é encontrada da Bahia ao Rio Grande do Sul. Mede 25 centímetros de comprimento e é facilmente percebido, principalmente por causa de seus gritos altos e vibrantes. Habita florestas e até ambientes urbanos, como parques e bairros arborizados. No Sesc Itaquera pode ser observado em muitos ambientes, principalmente no Pomar, durante o florescimento e frutificação das árvores.



Dica do observador: Quando percebem alguma ameaça, ficam imóveis e em silêncio, mas caso a ameaça se aproxime, saem voando em disparada e aos gritos. Por isso, se você quer observá-los, faça isso de longe!





DIÁRIO DO OBSERVADOR

Agora que você conhece nossas espécies de aves, utilize o espaço abaixo para assinalar suas observações.

observei no Sesc Itaquera

observei na cidade

observei fora da cidade

- | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 01. irerê |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 02. biguá |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 03. garça-branca-grande |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 04. urubu-de-cabeça-preta |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 05. caracará |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 06. quero-quero |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 07. pombão |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 08. beija-flor-tesoura |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 09. pica-pau-branco |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 10. pica-pau-do-campo |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 11. pica-pau-de-banda-branca |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 12. joão-de-barro |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 13. bem-te-vi |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 14. bentevizinho-de-penacho-vermelho |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 15. curruíra |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 16. sabiá-laranjeira |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 17. sabiá-do-campo |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 18. cambacica |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 19. sanhaçu-cinzento |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 20. tico-tico |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | 21. periquito-rico |

NATUREZA À MÃO LIVRE!

Faça um desenho ou texto da ave que mais gostou



MAPA | PASSEIO VERDE | ÁRVORES E AVES | SESC ITAQUERA



ÁRVORES ROTEIRO PASSEIO VERDE

- 01 - eucalipto
- 02 - pau-ferro
- 03 - quaresmeira
- 04 - resedá-gigante
- 05 - manacá-da-serra
- 06 - aroeira-pimenteira
- 07 - jasmim-manga
- 08 - palmeira-juçara
- 09 - cheflera
- 10 - ipê-branco
- 11 - seringueira-de-jardim
- 12 - escova-de-garrafa
- 13 - mirindiba-rosa
- 14 - ipê-amarelo
- 15 - cedro-rosa
- 16 - jatobá
- 17 - palmeira-rabo-de-peixe
- 18 - embinuçu
- 19 - ingá
- 20 - jacarandá
- 21 - eritrina-candelabro
- 22 - amoreira
- 23 - goiabeira
- 24 - laranjeira
- 25 - caramboleira
- 26 - jabuticabeira
- 27 - pitangueira-vermelha
- 28 - nespereira
- 29 - urucum
- 30 - grumixama
- 31 - cabeludinha
- 32 - mangueira
- 33 - tamboril
- 34 - leucena
- 35 - palmeira-jerivá
- 36 - pau-brasil



AVES ROTEIRO DA TRILHA

- 01 - irerê
- 02 - biguá
- 03 - garça-branca-grande
- 04 - urubu-de-cabeça-preta
- 05 - caracará
- 06 - quero-quero
- 07 - pombão
- 08 - beija-flor-tesoura
- 09 - pica-pau-branco
- 10 - pica-pau-do-campo
- 11 - pica-pau-de-banda-branca
- 12 - João-de-barro
- 13 - bem-te-vi
- 14 - bentevizinho-de-penacho-vermelho
- 15 - curruíra
- 16 - sabiá-laranjeira
- 17 - sabiá-do-campo
- 18 - cambacica
- 19 - sanhaçu-cinzento
- 20 - tico-tico
- 21 - periquito-rico

Para saber mais sobre as árvores e aves:



LIVROS TÉCNICOS

- Corbo, M., Macarrão, A., D'Angelo, G.B., Silva, W.R., Sazima, I. 2013: Aves do Campus da Unicamp e Arredores. Avis Brasilis Editora, Vinhedo, SP. Sigris, T. 2009. Avifauna Brasileira: guia de campo Avis Brasilis. Avis Brasilis Editora, Vinhedo, SP.
- Sick, H. 1997. Ornitologia Brasileira. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ.
- Lorenzi, H. 2003. Árvores exóticas no Brasil: madeiras, ornamentais e aromáticas. Instituto Plantarum, Nova Odessa, SP.
- Lorenzi, H. 2008. Árvores Brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil, vol. 1, 2 e 3. Instituto Plantarum, Nova Odessa, SP.
- Carvalho, P E Ramalho. 2003. Espécies Arbóreas Brasileiras. Embrapa Informação Tecnológica, Colombo, PR.



LIVROS DE HISTÓRIA

- Argel, M. & Meira. 2004. Voando pelo Brasil. Editora Cuca Fresca, Florianópolis, SC.
- Lalau & Laurabeatriz. 2007. Diário de um papagaio: uma aventura na Mata Atlântica. Editora Cosac Naify, São Paulo, SP.
- Castro, K N de Carvalho. 2006. Yvyra Poty e as árvores da Floresta. Embrapa Agropecuária Oeste, Dourados, MS
- TICUNA (vários autores) Gruber, J Gomes. 2006. O livro das árvores. Global Editora, São Paulo, SP.



INTERNET

- Wikiaves <http://www.wikiaves.com.br>
- Passarinhar <http://www.passarinhar.org>
- Flora Brasiliensis <http://florabrasiliensis.cria.org.br/>
- Instituto Árvores Vivas - <http://www.arvoresvivas.org>

Ficha Técnica

Produção Gráfica e Diagramação

Equipe Sesc Itaquera

Revisão de Conteúdo

Equipe Sesc Itaquera

Revisão Científica

Instituto Árvores Vivas

Crédito de Imagens e Desenvolvimento de Conteúdo

Instituto Árvores Vivas

Passeio Verde é marca e tecnologia desenvolvida pelo Instituto Árvores Vivas com todos os direitos reservados





Foto: Paulo Roberto Ferreira

ipê-branco - Sesc Itaquera - Praça de Eventos

Sesc Itaquera

Av. Fernando do E. S. Alves de Mattos, 1000

Itaquera - São Paulo - SP

Tel.: (11) 2523-9200 – CEP: 08265-045

📍 Itaquera 7200m 🚗 Terminal São Mateus 5200m

email@itaquera.sescsp.org.br

📱 /sescitaquera

sescsp.org.br/itaquera